carro, vi uma propaganda falando sobre as inscrições do CVV. Lá, falavam, também, de alguns valores, como o sigilo, o respeito e o não julgamento. Achei aquilo muito diferente. Como não julgar em uma sociedade em que isso é tão comum?", recorda.

No início, decidiu participar muito mais por curiosidade. Queria saber o que estava por trás de todo aquele trabalho. Afinal, o receio era completamente natural. Trabalhar com a escuta, segundo Leila, é algo que mobiliza não só externamente, mas, também, internamente. Sua ideia de voluntariado não passava por ouvir alguém e, sim, pelo contato físico e presencial. No entanto, o que nasceu em um interesse pela novidade acabou ficando, e está até hoje.

A experiência em ouvir as emoções e dificuldades de uma pessoa anônima também invade Leila. É impossível, para ela, não refletir sobre a própria vida quando se vê em ligação com alguém. Além, é claro, do autoconhecimento ganho nessa troca. "O que eu acho muito ímpar no CVV é essa nova percepção do que é escutar. Não é o ouvir na característica física, não é o trocar palavras. Vai muito além, a gente também repara no silêncio, no tom da voz, na forma do outro se expressar", destaca.

Essa escuta ativa, totalmente presente na conversa, é o que diferencia. Nenhum detalhe é imperceptível, afinal, é pelas particularidades, em muitos momentos, que a ajuda pode ser ainda mais ampla. A capacidade de estar atento e reparar no irreparável. Inclusive, cita esses elementos como primordiais na sua própria forma de ver o mundo. As ligações, conversas e vivências. É o que faz Leila seguir em frente.

Uma voz é um abraço

Essa crença da voluntária, de que o CVV é especial, não é uma visão somente dela. Dos anônimos que ligam diariamente, esse pensamento também existe. Em algum dia, em março deste ano, Carol Ferro (nome fictício), 26, descreve uma crise emocional forte e delicada, logo pela manhã. Longe da irracionalidade e apegada a vários sentimentos negativos, ligou para o CVV, como se isso fosse a última faísca de esperança que lhe restava.

O número chamava e chamava. O desespero aumentando gradualmente. Até que, de repente, conseguiu ser atendida. "Fui abraçada. A pessoa me atendeu e foi muito empática, superatenciosa. Ouviu tudo o que tinha para falar e me aconselhou", ressalta. No início, em razão do turbilhão de sensações, mal conseguia conversar. As palavras escapavam, e o choro tomava conta, movimento natural de quem está passando por um momento difícil.

Depois de uma hora de conversa, uma paz estranha reinou. A calma que parecia ter desaparecido retornou novamente, segundo Carol. Ao final da troca, sentia-se muito melhor. Emocionalmente, a jovem confessa viver uma montanha-russa, entre altos e baixos, quase sempre. Entretanto, voltou com a terapia, algo que a tem ajudado nesse processo. Hoje, quando pensamentos ruins querem tomar conta, tenta se apegar às coisas boas que existem por trás da fumaça da depressão e da ansiedade.

"Penso que isso não é o que quero. Eu quero é viver, compartilhar dias com pessoas que amo e que me amam. Penso que ainda tem um monte de lugares para fotografar e conhecer, isso me acalma e faz os pensamentos ruins irem embora", revela. Tanta coisa difícil, às vezes, se perde nesse mar de coisas boas que ainda existem. Três meses depois, apesar de tudo, Carol prossegue. E não pensa em desistir, graças à sua força, mas, também, a um ouvido que quis prestar atenção.

